

## **O ESTUDANTE DE COIMBRA E O DIÁLOGO ENTRE O ROMANCE DO SÉCULO XVIII E XIX**

Prof. Dr. Moizeis Sobreira de Sousa  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

**Resumo:** a história do romance português é um capítulo ainda muito incipiente. De modo habitual, essa história é contada como uma extensão do romance francês e inglês. Essa perspectiva finda por levar ao equívoco de situar a origem dessa forma em Portugal no momento em que o modelo realista franco-inglês de romance chega ao país, fazendo com que uma quantidade considerável de romances anteriores a esse marco temporal seja sumariamente desconsiderada. Sem retroceder muito em relação a esse marco, é possível visualizar ocorrências ainda não consideradas ou pouco conhecidas do gênero em questão, a saber: *Carlos e Julieta* (1838) e *O Estudante de Coimbra* (1840-1841), de Guilherme Centazzi, romances que antecedem consagrados precursores dessa forma em Portugal. O estudo dessas obras, particularmente de *O Estudante de Coimbra*, pode contribuir para ampliar o que se conhece sobre a história do romance português, trazendo à tona aspectos pouco explorados das narrativas do século XIX, como o intenso diálogo que elas travam com a tradição do romance setecentista.

**Palavras-chave:** Romance, *O Estudante de Coimbra*, Guilherme Centazzi.

**Abstract:** the history of Portuguese novel is still a chapter to be explored. It is usually told as an extension of the French and the English novel. Such a perspective leads to the mistake of placing its beginning in Portugal at a time when the French and British models landed on the country, which causes the disregard of an entire previous production of the genre. Without the need of going back too much in time when considering this milestone, one can notice two occurrences that have not yet come to be widely known, namely the novels *Carlos e Julieta* (*Carlos and Julieta*, published in 1838) and *O Estudante de Coimbra* (*The Student of Coimbra*, published in 1840-1841). Both are works written by Guilherme Centazzi and precede the most broadly known works that established the novel as a genre in Portugal. The study of such works, mainly *O Estudante de Coimbra*, has the aim of contributing to broaden what is known about the history of Portuguese novel, as to throw light upon aspects still little explored and that concern nineteenth century narratives, such as the dialogue kept between this genre and the novel tradition of the eighteenth century.

**Keywords:** Novel, *The Student of Coimbra*, Guilherme Centazzi.

A história do romance português é um capítulo ainda muito incipiente nos termos da historiografia literária. De modo frequente, essa história é contada como uma extensão dos desdobramentos do romance francês e inglês, o que leva constantemente ao equívoco de se demarcar o surgimento dessa forma em Portugal no momento em que o modelo de romance realista

importado da França e Inglaterra se torna recorrente, fenômeno que ocorre, e com muitas ressalvas, somente nos estertores da década de 1840 e, com mais força, a partir da década de 1850. Seguindo essa perspectiva, Abel Barros Baptista, em *Camilo e a revolução camiliana*, sustenta que a prosa de ficção portuguesa registrou um panorama de quase completa infertilidade no período compreendido entre o século XVII e o princípio do século XIX. Na mesma direção, Antônio Gonçalves Rodrigues, em *A novelística estrangeira em versão portuguesa no período pré-romântico*, afirma que, durante a viragem do século XVIII para o XIX, o romance se apresenta de forma totalmente ausente em Portugal. Essa opinião também encontra ressonância entre os romancistas portugueses do século XIX. Alexandre Herculano, por exemplo, circunscreve suas *Lendas e Narrativas* (1839-1844) como “monumento dos esforços para introduzir na literatura nacional o romance, um gênero já amplamente cultivado em todos os países da Europa”<sup>1</sup>

Entretanto, quando a escrita romancística franco-inglesa cruza os Pirineus, não encontra Portugal em estado lacunar. Conforme apontei em outro momento (2014), o romance português já existe e segue o seu próprio caminho. Além disso, sua tradição não é tão curta quanto apontam esses lugares-comuns. Sem retroceder muito em relação ao marco temporal que encerra essa diretriz, é possível visualizar ocorrências ainda não consideradas ou pouco conhecidas do gênero em questão, a saber: *Carlos e Julieta* (1838) e *O Estudante de Coimbra* (1840-1841), de Guilherme Centazzi, romances que antecedem textos consagrados e tidos como precursores desse gênero, tais como *O monge de Cister* (1841), *Eurico, o presbítero* (1842), *O Bobo* (1843) e *O Pároco da Aldeia* (1851), de Herculano; *O arco de Sant’Ana* (1845-1850) e *Viagens na Minha Terra* (1843-1845),<sup>2</sup> de Almeida Garrett; e os romances de Camilo Castelo Branco publicados a partir da década de 1850. Do ponto de vista cronológico, os textos de Centazzi poderiam reivindicar o título de pais do romance moderno português, questão que adquire pouca relevância, uma vez que as origens da escrita romancística são tão ou mais fugidias quanto as

---

<sup>1</sup> HERCULANO, 1980, p. 1.

<sup>2</sup> As edições em volume de *Eurico, o presbítero*, *O monge de Cister* e *O Bobo* são de 1844, 1848 e 1878, respectivamente. *O pároco de aldeia* é parte integrante de *Lenda e Narrativas*, publicadas no *Panorama* e na *Revista Universal Lisbonense* entre 1839 e 1844. A edição em volume veio à luz em 1851. *Viagens na Minha Terra* foi publicado em volume no ano de 1846.

origens da tradição literária ocidental. Assim, parece mais proveitoso pontuar o esquecimento que pesa sobre essas obras e o quanto a consideração crítica delas pode contribuir para ampliarmos o que se conhece sobre a história do romance português oitocentista.

Até 2012, quando o escritor Pedro de Almeida Viera editou, em parceria com Maria de Fátima Marinho, uma edição atualizada de *O Estudante de Coimbra*, a obra de Guilherme Centazzi (1808-1875) estava completamente esquecida. É intrigante esse esquecimento, pois o *Estudante de Coimbra* foi publicada duas vezes em Portugal, em 1841 e 1861; há indícios de que tenha circulado no Brasil durante o século XIX, já que figurou no catálogo de duas instituições públicas: o da Biblioteca Fluminense, publicado em 1866, e o do Gabinete Português de Leitura, de 1858; foi traduzido para o alemão em 1844; e recebeu atenção do crítico escocês Thomas Carlyle, que escreveu um ensaio sobre ele para a revista *Fraser's Magazine*. Além do *Estudante de Coimbra* e *Carlos e Julieta*, Centazzi foi autor de um volume de textos que coloca em causa o seu esquecimento no âmbito da história literária. Ele escreveu outros três romances: *Beatriz e o aventureiro* (1848), *A alma do justo* (1861), *Duas palavras contemporâneas* (1867). Foi autor ainda dos volumes de poesia *Poesias diversas* (1827), *As sete penas* (1852) e *Recreios poéticos* (1864); das peças de teatro *O latino quase grego* (1861) e *Ninharias familiares* (1861); e das narrativas curtas *Fantasia e verdade* e *Saber lutar é vencer*, ambas sem data.<sup>3</sup>

Nesse conjunto, o texto que mais se sobressai é *O Estudante de Coimbra*, marcado, segundo Maria de Fátima Marinho, “pela modernidade da narração, pela escolha de um tema contemporâneo, [...] afastando-se decisivamente do romance setecentista português, caracterizado pela aventura fácil, pela moralidade ostensiva ou pela ausência de referentes facilmente identificáveis”<sup>4</sup>. Entretanto, a força do livro não está no distanciamento da tradição ficcional do século XVIII, mas no intenso diálogo que é travado entre

---

<sup>3</sup>Além da escrita literária, Guilherme Centazzi atuou nos jornais *Os desafogos da vida* (1863) e *O semanário* (1867), dos quais foi proprietário e redator, e publicou os seguintes textos de medicina: *Traité sur la manière de placer les os avec promptitude dans leur position respective* (1833), *Considerações gerais sobre os exercícios ginásticos e as vantagens que deles resultam* (1836), *Higiene e medicina popular* (1843) e *Socorro aos envenenados* (1868).

<sup>4</sup>MARINHO, 2012, p. 314.

esse modelo e a ascendente forma que está se firmando ao longo do período oitocentista. Nesse sentido, a obra em questão se configura como espaço onde determinados influxos estético-narrativos dos setecentos se encontram com mecanismos da escrita romancística do século XIX, o que é sintomático do modo como esse gênero se conforma no cenário oitocentista português.

Publicado em três tomos, entre 1840 e 1841<sup>5</sup>, *O Estudante de Coimbra* é estruturado a partir da combinação da história de um estudante da Universidade de Coimbra com a narração dos fatos históricos ocorridos em Portugal no intervalo que vai de 1826 a 1838, arranjo que faz lembrar o modo como Almeida Garrett construiu *Viagens na Minha Terra* poucos anos depois, isto é, entrelaçando o relato das lutas entre liberais e miguelistas à história de Carlos e Joaninha. Esse movimento, cabe lembrar, está na base da realização do fenômeno estético que levou ao realismo moderno, obtido, segundo Eric Auerbach, através do emolduramento da existência humana numa realidade historicamente definida, em que “os homens e os seus ambientes [...] estão sempre representados como fenômenos que emanam dos acontecimentos e das forças históricas”<sup>6</sup>.

Chama atenção a quantidade extraordinária de acontecimentos históricos relatados no *Estudante de Coimbra*, sobretudo por se tratar de um período muito conturbado e recente na memória popular. Também se destaca o modo pormenorizado como esses acontecimentos são apresentados, isto é, coincidindo frequentemente e em detalhes com o registrado pela historiografia, o que confere ao narrador um estatuto muito próximo ao de um historiador, papel que ele mesmo reivindica por diversas vezes. Na advertência, por exemplo, confessa que seu objetivo é combinar fatos imaginários e recreativos a um “resumo histórico destes últimos anos” (CENTAZZI, 2012, p. 21). Note-se a combinação do elemento recreativo, preceito muito comum em romances setecentistas, e o apelo à historicidade, mais recorrente no século XIX,

---

<sup>5</sup> Em 1861, Guilherme Centazzi publicou uma segunda versão d’*O Estudante de Coimbra*, suprimido o último tomo e diversos trechos dos outros dois. Apesar disso, ao editá-lo, Pedro Almeida Vieira preferiu tomar por base a versão de 1840-1841, por entender que esta era mais completa e expressava melhor o projeto da obra. Não obstante, acrescentou, em forma de aditamento, os capítulos finais da edição de 1861, oferecendo ao leitor a possibilidade de cotejar as duas versões.

<sup>6</sup> AUERBACH, 2007, p. 430.

realçando a estrutura composicional do *Estudante de Coimbra* como espaço de diálogo entre esses dois tempos.

Chama atenção ainda a perspectiva que o narrador utiliza para apresentar os acontecimentos. Ele se desdobra em dois olhares: o de um estudante imerso na “fecunda imaginação [romântica] da mocidade”<sup>7</sup>, que vive os acontecimentos *in loco*, e o de um homem adulto, já maduro e situado num tempo posterior aos acontecimentos narrados. Assim, o texto é conduzido, alternadamente, pela voz, em primeira pessoa, do estudante e pela voz do homem maduro, pontuada em terceira pessoa e distanciada dos acontecimentos, o que faculta ao texto uma visão crítica em relação ao que é narrado. Dessa combinação, resulta uma narrativa que não se propõe a apontar um caminho para regenerar a sociedade portuguesa a partir de exemplos históricos. Antes, o que prevalece é a problematização dos acontecimentos.

No primeiro tomo, compreendido entre 1826 e 1828, são relatados os acontecimentos do interregno que vai da morte de D. João VI até a chegada ao poder de D. Miguel em 1828, com destaque para a outorga da constituição de 1826, a abdicação de D. Pedro I (IV) em favor de D. Maria II, a regência de Dona Isabel Maria, marcada por constantes rebeliões miguelistas e, por fim, o golpe de D. Miguel.

No segundo tomo, que ocupa a centralidade do romance, os acontecimentos estão situados entre 1828 e 1834. Ele abrange o governo de D. Miguel e a guerra civil travada entre liberais e absolutistas. A Lisboa em estado caótico após o golpe de D. Miguel, tomada pela repressão e a partida dos exilados, cujo símbolo maior parece ser a prisão do Limoeiro, local de detenção de presos políticos, ocupa bastante espaço. São retratadas as primeiras tentativas de sublevação liberal, como a Belfastada (1828) e a rebelião liderada por Alexandre Manuel Moreira Freira (1829). Fatos-chave da guerra liberal também ganham destaque, como a tomada da Ilha Terceira pelo Conde de Vila Flor, a ida de D. Pedro para a França e, na sequência, para a Ilha Terceira, onde se reúne com os liberais, o desembarque destes no Porto, episódio conhecido como Desembarque do Mindelo, a tomada dessa cidade e

---

<sup>7</sup> CENTAZZI, 2012, p. 41.

o subsequente cerco imposto pelos miguelistas. Por fim, são narrados o desembarque do Duque da Terceira em Lisboa, a fuga dos miguelistas para Santarém, a Batalha de Asseiceira, que impôs a derrota fatal aos miguelistas, e a assinatura da convenção de Évora-Monte, pondo termo à guerra civil. Como se pode notar, a representação do espaço citadino é uma constante no romance. E isso não é casual. Trata-se de um tema recorrente na literatura romancística do século XIX, o que está diretamente ligado à eleição da cidade e seus problemas como signo da modernidade dos novos tempos.

No terceiro tomo, que vai de 1834 a 1838, tem lugar a curta regência de D. Pedro IV e sua morte, os dois primeiros anos do governo de D. Maria II, marcados pelo fenômeno do Devorismo, a Revolução de Setembro e a promulgação da Constituição de 1838, considerada uma carta intermediária entre a de 1822 e 1826. Esse período é alvo de constantes críticas do narrador, que se mostra decepcionado com os rumos do governo liberal, visto como corrupto e tomado pelo fisiologismo dos aliados, ciosos por favores e privilégios.

Em todos esses acontecimentos, o estudante, que não é nomeado, se vê envolvido e impactados por eles. Inicialmente, ele procura se portar como mera testemunha da história, afastando-se dos “negócios políticos, de que sempre mofara”<sup>8</sup>. O seu horizonte de expectativas estava ligado aos estudos e, de modo mais próximo, ao amor por Maria, que, segundo ele, “era o único objeto que [...] sinceramente ambicionava”<sup>9</sup>. A entrada no universo político ocorre, de maneira bastante circunstancial, quando é acusado por um padre miguelista, Frei Barnabé, de ser um pedreiro-livre. Para não ser preso e também para impressionar o pai de Maria, que era simpático à causa liberal, adere à causa da pátria, não por alinhamento ideológico, mas, como confessa, “porque a [sua] própria segurança [o] ordenara”<sup>10</sup>. A integração da consciência individual com a social só é possível até o ponto em que a atuação do estudante/soldado coincide e/ou se torna condição *sine qua non* para o estudante/amante acessar seu horizonte de expectativas. Resulta dessa formatação, um herói perpassado pela de quebra de unidade com o mundo

---

<sup>8</sup> CENTAZZI, 2012, p. 91.

<sup>9</sup> CENTAZZI, 2012, p. 77.

<sup>10</sup> CENTAZZI, 2012, p. 90.

circundante e a complexidade implicada na representação de papéis diversos e, regra geral, conflitantes. Ora, essa consciência é um dos índices estéticos que permitirá ao gênero romance realizar as reorientações discursivas que o consolidaram como gênero literário dominante no XIX.

A trajetória do estudante, bem como dos demais personagens, experimenta um acentuado dinamismo, caracterizada por sucessivas mudanças e trânsitos; “o chão social sobre o qual [vivem] [...] é modificado incessantemente pelos mais múltiplos estremecimentos”<sup>11</sup>, o que também perfaz condições necessárias para o surgimento do modelo de herói romanesco que predomina no século XIX, a saber: através do alinhamento do herói a um tempo histórico específico e as tensões que resultam desse alinhamento, algo posicionado entre o anti-herói e o herói problemático, incapaz de ressoar desapeadamente os interesses comunitários.

A adesão ao liberalismo traz como consequência o envolvimento do estudante na guerra contra D. Miguel, fato que o aparta de Maria, obrigando-o a errar por diversos lugares com o objetivo de reverter o quadro de separação e, secundariamente, remover os absolutistas do poder. Por isso, ele passa a viver uma peregrinação em busca da amada, seguindo seu paradeiro por diversas cidades. Com efeito, sai de Coimbra e vai para o Porto, de onde foge para Lisboa. Na capital, é preso no Limoeiro, mas escapa e se exila em Paris, cidade escolhida porque recebeu notícias de que Maria estaria lá. Não obtendo sucesso, decide regressar a Portugal, rumando em direção aos Açores, onde se junta às tropas de D. Pedro, seguindo novamente para o Porto, que seria pouco depois cercada pelas forças miguelistas. Após servir como soldado durante a maior parte do Cerco do Porto, pede para ser enviado a Lisboa, porque, mais uma vez, foi informado de que Maria poderia estar na capital, onde é novamente preso, agora em companhia de Rodolfo, o pai de Maria, que é enforcado poucas horas antes do Duque da Terceira tomar a cidade com os liberais.

Terminada a guerra, o estudante se torna ministro de estado durante o período do Devorismo, fato emblemático do ciclo de mudanças (individuais e coletivas) que levou ao fim da era absolutista e à instauração da monarquia

---

<sup>11</sup> AUERBACH, 2007, p. 410.

constitucional em Portugal, inicialmente marcada por uma série de instabilidades e transformações políticas. “Se já foi o tempo de ouro, em que o valimento dos fidalgos se esmaltava com belos penteados feitos por andaimes, e os homens traziam espadins, e as senhoras canastras à cinta”<sup>12</sup>, assinala o narrador, fazendo menção ao fato do estudante ter enriquecido e, por isso, ter se tornado ministro, mesmo não tendo ascendência aristocrática. Trata-se de um herói, a par das características já mencionadas anteriormente, que se identifica mais com o mundo burguesia, mundo que, como se sabe, é frequentemente invocado para demarcar o universo social retratado pelo romance oitocentista.

Outro aspecto presente no livro que envolve a relação consciência individual/realidade nacional é o fato de Portugal, enquanto ente histórico-político, constituir núcleo determinante da narrativa, eixo que, segundo Eduardo Lourenço, norteará “toda ou quase toda grande literatura portuguesa do século XIX”<sup>13</sup>. Ocorre que o autor de *Labirinto da Saudade* coloca Garrett como marco dessa nota dominante. Entretanto, ela já está posta em *O Estudante de Coimbra*, o que leva a crer que, se essa obra não estivesse entregue ao esquecimento, a análise de Lourenço poderia ser diferente, pelo menos no que se refere ao *corpus*.

Até aqui, procurou-se pontuar mais detidamente os traços do romance de Centazzi que estão em consonância com o modelo romancístico que se supõe ser predominante no século XIX. De posse dessas informações, vale a pena, a partir de agora, pontuar brevemente a herança setecentista de que *O Estudante de Coimbra* é tributário. Dessa tradição, Centazzi absorve, especialmente, o princípio da casualidade.

O elemento que agrega o tecido narrativo é basicamente a causalidade. É a partir desse expediente que os encontros são promovidos e o andamento do texto é levado a cabo. A primeira vez que o estudante avista Maria, episódio que é fundamental para a economia do romance, isso se dá através do acaso, ou melhor, do fato de ter se perdido, o que o permitiu entrar em contato com ela. É graças à coincidência de ser reconhecido por um agente miguelista que

---

<sup>12</sup> CENTAZZI, 2012, p. 209.

<sup>13</sup> LOURENÇO, 1992, p. 80.



o protagonista é preso pela primeira vez em Lisboa. Do mesmo modo, a fuga da prisão é promovida pelo casual encontro dele com o seu antigo arrieiro, então carcereiro da prisão do Limoeiro. Quando chega a Paris, o estudante está prestes a se bater em duelo, mas a narrativa ganha outro rumo quando o oponente descobre, também casualmente, que ele salvou a vida do seu pai, fato que o motiva a desistir do embate com o estudante. Por fim, o reencontro com Maria é fruto de um casual passeio que o protagonista fazia, sem ter mais o objetivo de encontrá-la.

Esse modo de alinhar o romance se opõe ao que, via de regra, se sobressai como prática corriqueira da narrativa oitocentista, que adota o princípio da causalidade como motor da arquitetura textual, de modo que ação é organizada predominantemente por meio da correlação entre causa e efeito, tendo por base uma necessidade que a justifique. Em *O Estudante de Coimbra*, embora esse princípio (causa/efeito) não tenha peso estrutural, não há, por outro lado, apelo a forças sobrenaturais ou ainda ao maravilhoso, como era comum em romances do século XVIII. A ausência desses elementos, somada ao entrelaçamento da trajetória dos personagens a circunstâncias históricas e ao domínio de um herói de extração burguesa, permitiram amortecer possíveis efeitos de inverossimilhança, assegurando a afirmação da veracidade, tal como cultivada nos oitocentos.

Em conjunto, a consideração desses traços, coloca o romance de Centazzi como espaço de comunicação entre tradições, em que a tradição setecentista desagua e se combina com a ascendente tradição oitocentista, à qual esse romance abre caminho como um dos precursores. Se levado em conta, essa obra pode oferecer um capítulo importante para a história ainda incipiente do romance português, evidenciando a ocorrência desse gênero em Portugal antes da chegada do modelo realista franco-inglês, além de mostrar as diferenças que essa forma vai adquirindo no lado oeste da Península Ibérica, notadamente o surgimento de um modelo romancístico oitocentista que se conforma a partir do contato com a tradição setecentista e não necessariamente através de sua negação.

## Referências

- AUERBACH, Eric. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BAPTISTA, Abel Barros. *Camilo e a revolução camiliana*. Lisboa: Quetzal Editores, 1988.
- CENTAZZI, Guilherme. *O Estudante de Coimbra*. Lisboa: Planeta Manuscrito, 2012.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- HERCULANO, Alexandre. *Lendas e Narrativas*. Amadora: Bertrand, 1980.
- MARINHO, Maria de Fátima. Introdução. In: CENTAZZI, Guilherme. *O Estudante de Coimbra*. Lisboa: Planeta Manuscrito, 2012.
- RODRIGUES, Antônio Gonçalves. *A novelística estrangeira em versão portuguesa no período pré-romântico*. Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1951.
- SOUSA, Moizeis Sobreira de. *As fontes setecentistas do romance português*. 278 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

Moizeis Sobreira de Sousa é pós-doutorando em História e Teoria Literária pela Universidade de Campinas (UNICAMP); doutor em Letras - Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa - pela Universidade de São Paulo (USP), com período sanduíche na Universidade de Lisboa; e mestre em Letras pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP). Foi editor da Revista Crioula, publicação científica dos alunos de pós-graduação da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP entre 2010 e 2013. É colaborador do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Braga - Portugal. Publicou o livro "A ficção camiliana: a escrita em cena" e foi co-organizador do volume "Descentramentos críticos nas literaturas de língua portuguesa". E-mail: moizeis.ssousa@gmail.com